



O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E GESTORES DE SINOP-MT

THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN PANDEMIC TIMES: PERCEPTIONS OF TEACHERS AND MANAGERS OF SINOP-MT

Débora Lucas Costa Pereira (Unemat Cáceres)¹

debora.costa@unemat.br

Simone de Sousa Naedzold (Unemat Cáceres)²

simone.naedzold@unemat.br

RESUMO: O presente texto busca mostrar as percepções de professores com relação ao uso das tecnologias digitais no desenvolvimento de atividades de ensino e de aprendizagem de estudantes da Rede Estadual de Ensino de Sinop, Mato Grosso. O trabalho responde a uma inquietação intensificada pela pandemia do COVID-19, no ano de 2020, e, por consequência, a obrigatoriedade de se desenvolver atividades educacionais em modelo online. Professores e estudantes foram submetidos a uma mudança abrupta nas formas de ensinar e aprender, que lhes forçou a uma rápida adaptação. A situação levou-nos ao objetivo de verificar as alterações mais significativas nas práticas docentes e a avaliação feita pelos profissionais que enfrentaram e enfrentam essa realidade para que, a partir dessa avaliação, novos trabalhos possam ser propostos. Como metodologia, elaboramos um questionário, transposto para a ferramenta Google Forms, e compartilhado com vários professores através de um link, no mês de dezembro de 2020. O corpus de análise é composto por respostas a questões dissertativas que versam sobre diferentes pontos de vista sobre o digital. Concluímos que, nos dizeres dos professores entrevistados, o uso da plataforma Microsoft Teams se configura como um espaço profícuo de ensino e de aprendizagem tanto de professores como de estudantes que a ela tem acesso e apresenta-se com uma possibilidade para uso futuro, considerando que os profissionais sabem usá-la com eficiência. Porém, observa-se que mais de 50% dos estudantes retornaram às atividades em 2020 após o advento da pandemia e um média de 76 mil ficaram sem estudar.

PALAVRAS-CHAVE: Escola pública. Pandemia. Ensino *online*.

ABSTRACT: This text seeks to show the perceptions of teachers regarding the use of digital technologies in the development of teaching and learning activities for students from the State Education Network of Sinop, Mato Grosso. The work responds to a concern intensified by the COVID-19 pandemic, in the year 2020, and, consequently, the obligation to develop educational activities in an online model. Teachers and students underwent an abrupt change in the ways of teaching and learning, which forced them to adapt

¹ Graduação Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo - UCPel; Mestrado em Letras – Unemat, campus de Sinop; Doutoranda em Linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat/Cáceres, na Linha de Estudo de Processos Discursivos – Análise de Discurso – sob orientação da Professora Doutora Olímpia Maluf Souza. Sinop. Mato Grosso.

² Graduação em Letras - UFSC; Mestrado em Letras – Linguagens e Letramentos – Unemat, campus de Sinop; Doutoranda em Linguística – Unemat, campus Cáceres, na linha de Estudo de Processos Discursivos – Análise de Discurso – sob orientação da Professora Doutora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Sinop, Mato Grosso.



quickly. The situation led us to the objective of verifying the most significant changes in teaching practices and the evaluation made by professionals who faced and face this reality so that, based on this evaluation, new works can be proposed. As a methodology, we developed a questionnaire, transferred to the Google Forms tool, and shared with several teachers through a link, in December 2020. The corpus of analysis consists of answers to essay questions that deal with different points of view about the digital. We conclude that, in the words of the teachers interviewed, the use of the Microsoft Teams platform is configured as a fruitful space for teaching and learning for both teachers and students who have access to it and presents itself with a possibility for future use, considering that professionals know how to use it efficiently. However, it is observed that more than 50% of students returned to activities in 2020 after the advent of the pandemic and an average of 76 thousand were without studying.

KEYWORDS: Public school; Pandemic; Online teaching.

1 Introdução

A Educação em tempos de pandemia gerou e gera muitas incertezas, mas também abre espaço para práticas educacionais inovadoras.

Neste texto, buscamos, a princípio, evidenciar um panorama educacional de Mato Grosso e as circunstâncias nas quais as atividades se encontravam quando os casos de infecção por coronavírus começaram a ser registrados no Brasil. Em seguida, a fim de apresentar uma reflexão teórica sobre as diferentes metodologias educacionais e seu envolvimento com os meios digitais *online*, recorreremos a autores como Barton e Lee (2015), Rojo (2009, 2012, 2013), Rojo e Barbosa (2015) e Naedzold (2018, 2020), passando pelos conceitos de letramentos, multiletramentos e panletramentos.

Para termos mais clareza sobre as diversas situações educacionais vivenciadas pelos educadores do município de Sinop-MT, elaboramos e aplicamos, em dezembro de 2020, um questionário, cujas repostas a seis questões foram elencadas e analisadas apresentando interfaces com informações sobre os tempos pandêmicos em Mato Grosso e com os fundamentos do uso de Plataformas Digitais e dos letramentos em suas diversas nuances.

Para finalizar, tecemos considerações sobre este estudo e a importância do mesmo para os professores que atuam em sala de aula e apresentamos as referências citadas ao longo do texto.



2 Panorama educacional de Mato Grosso em tempos de pandemia

A edição n. 27.631 do Diário Oficial do Governo do Estado de Mato Grosso, publicada em 13 de novembro de 2019, oficializou, através da Portaria n. 759/2019/GS/SEDUC/MT, o Calendário Escolar das unidades escolares pertencentes à Rede Estadual de Ensino, para o ano letivo de 2020. Conforme a determinação, no dia 03 de fevereiro de 2020, os professores das 19 escolas estaduais localizadas no município de Sinop, na região médio-norte do Estado de Mato Grosso, estavam nas salas de aula recepcionando estudantes e dando início aos 200 dias letivos que estavam programados. Mas, o ano letivo não transcorreu conforme o esperado.

No dia 26 de fevereiro de 2020, o Governo Federal publicou no *site*³ institucional uma notícia confirmando o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus no Brasil acometendo um homem de 61 anos, com histórico de viagem para a Itália, país europeu que até então registrava o maior número de casos da doença. A partir de então, o número de casos aumentou no país dia após dia. A pandemia estava instalada e a população se deparou com mudanças significativas na forma social de viver, o que atingiu a esfera educacional.

Em Decreto n. 407, de 16 de março de 2020, em seu Art. 9º, Inciso III, o Governo Estadual determinou a suspensão das aulas nas redes estadual, municipal e superior de ensino no período de 23 de março a 5 abril de 2020, a título de antecipação do recesso escolar de meio de ano. A medida, que parecia ter prazo para término, foi prorrogada diversas vezes. O ano letivo 2020 se encerrou sem a retomada das atividades presenciais nas escolas.

O ensino *online* foi a opção que se mostrou menos prejudicial a estudantes e educadores. Uma medida que atingiu mais de 24 mil professores da Rede Estadual. Conforme dados de Mato Grosso, “A rede estadual de Educação de Mato Grosso conta com cerca de 40 mil profissionais, sendo que desse total 24,3 mil são professores, que

³ Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 04 out. 2020.



atuam nas 766 unidades educacionais, atendendo aproximadamente 392 mil alunos” (MATO GROSSO, 2019). Em Sinop, entre efetivos e interinos, distribuídos nas 19 Escolas Estaduais, são aproximadamente 870 professores que passaram a trabalhar de suas residências, utilizando seus computadores e planos de internet particulares.

Esses profissionais rapidamente tiveram que aprender a utilizar plataformas digitais para terem contato com os estudantes matriculados em suas turmas de atribuição. Foi preciso adaptar espaços da casa, reinventar planos de aula, atividades, avaliações e enfrentar a incerteza de, mesmo fazendo o melhor possível, não estarem efetivando o ensino da forma como projetavam, visto que as formas de comunicação e as relações interpessoais mudaram.

Ainda que novas práticas na relação tecnologia-ensino já estivessem sendo estudadas e adotadas em algumas instituições, tudo vinha ocorrendo de forma progressiva, diferente do que se viu em 2020: uma mudança radical, sem planejamento, sem tempo para alterações gradativas. E se alguns autores projetavam que tais mudanças ocorriam de forma significativa em prazos médios de dez anos, agora, muito se altera nas práticas em questão de dias.

O panorama nos leva a recorrer aos estudos de Naedzold (2018, 2020) sobre panletramentos, baseados em análises das formas de letramentos discutidas em várias partes do mundo. A autora explica que o termo panletramento “[...] tenciona acionar todos os processos de construção e todos os conceitos de todas as disciplinas que tantos os estudantes quanto os professores ou quaisquer outras pessoas formaram até o momento para a apreensão de um assunto desconhecido ou não” (NAEDZOLD, 2020, p. 204). Este termo se encaixa para descrever e analisar a transição do ensino presencial para o virtual/remoto/a distância, conforme proposto neste artigo.

Pensemos, aqui, sobre os tecnopânicos. Os que são assim chamados pelos pesquisadores David Barton e Carmen Lee (2015, p. 23-24) por serem pânicos morais causados pela tecnologia e que levam à sociedade questionamentos como: a comunicação *online* pode afetar negativamente as habilidades de letramento dos jovens?, eles terão a



concentração reduzida? As mudanças nas ações da sociedade tanto afetam quanto são afetadas pelo ambiente em que estão. Letrar auxilia a enfrentar esse tipo de problema.

No livro *Linguagem online: textos e práticas digitais*, os autores David Barton e Carmen Lee (2015) explicam que as inovações tecnológicas podem mudar cada aspecto da vida de maneira fundamental, mas destacam que a tecnologia é parte das mudanças sociais. Aparece, então, a reflexão sobre a domesticação da tecnologia, a adoção de instrumentos facilitadores e transformadores. Ao assumirmos uma nova tecnologia, impactos são provocados na linguagem, nas maneiras de comunicação e na natureza das instituições como resposta a necessidades que se apresentam na forma da sociedade.

Ao traçar um percurso histórico, os pesquisadores tratam inicialmente da Comunicação Mediada por Computador (CMC), etapa na qual a preocupação era com a identificação e descrição de características e estratégias linguísticas, comparando a mídia *online* com os modos de comunicação existentes, não levando em conta contextos discursivos e sociais imediatos. A fase seguinte é chamada de Variação Social do Discurso Mediado por Computador.

Pesquisadores percebem que a linguagem é moldada por fatores sociais, está situada em contextos específicos de uso e não pode ser separada de seus usuários. Leva em conta o efeito do contexto e da percepção que os internautas têm do que eles fazem *online* e os pesquisadores passam a utilizar métodos que vão além da observação, como entrevistas, por exemplo. A terceira fase, agora com uma abordagem crítica, é Ideologias Linguísticas e Metalinguagem. Os dados são problematizados e a linguagem é vista mais do que como uma ferramenta de comunicação. O interesse é pelo conteúdo multimodal, gerado pelo usuário. Busca-se entender como as formas de comunicação são moldadas pelas ideologias sociais e como tais ideologias são discursivamente construídas em novas mídias.

Ao refletir sobre o percurso trabalhado por Barton e Lee (2015), percebe-se como é difícil se falar em novas tecnologias, quando o que era novo ontem, hoje já é ultrapassado. O que se dirá sobre quando se enfrenta uma pandemia que serve como catalizador para essas mudanças?

3 As práticas digitais e os processos de ensino e aprendizagem

A pandemia provocou mudanças na educação sem que os profissionais, principalmente os professores, tivessem tempo de projetar, organizar, avaliar se essas mudanças seriam boas ou ruins e quais as melhores maneiras de serem feitas. Mesmo que muitos estudantes tivessem celulares com acesso à internet, escolas os proibiam de utilizá-los. A nova conjuntura fez com que esses aparelhos fossem um dos poucos aliados e atividades passaram a ser pensadas, planejadas e efetivadas com o uso dessas tecnologias. Com muito acontecendo ao mesmo tempo, professores tiveram que optar pela tentativa, pressionados, tateando entre o mais ou menos adequado. O que funcionou ou não hoje? Quais os métodos pedagógicos podem ser adotados amanhã?

Se antes da pandemia as mudanças pedagógicas, por mais significativas e coerentes que fossem, ainda balançavam muito para realmente fomentar e assegurar a aprendizagem de professores e estudantes, agora, temos uma ressignificação a cada aula, a cada dia. Uma busca constante por um lugar seguro no mar de informações, que nem sempre são sinônimos de aprendizagens.

Barton e Lee (2015, p. 44) chamam este processo de **virtualidades**, que, segundo eles, “[...] são as possibilidades e restrições de ação que pessoas percebem seletivamente em qualquer situação. Virtualidades percebidas tornam-se o contexto para a ação”. As virtualidades estão acompanhadas do processo de criatividade de cada ser humano. Tudo o que se cria, inova, cientifica está relacionado ao processo de criação. Além disso, os autores (2015, p. 45) afirmam ainda que “As virtualidades afetam o que pode ser feito facilmente e o que pode ser feito convencionalmente com um recurso. A criatividade reside, em parte, em ver novas virtualidades e ir além das possibilidades existentes”.

Referindo-se às mudanças impulsionadas pelas tecnologias, os autores (2015, p. 11) indicam que “Agora é mais aceito o fato de que todos os aspectos da vida, incluindo as atividades cotidianas, as práticas de trabalho e o mundo da aprendizagem, são transformados pelas tecnologias digitais”. Esse pensamento pode ser fortalecido pelo que afirmam Candlin e Hadfield (2016, p. 10), no prefácio do livro *Letramentos Digitais*, de Dudeney, Hockly e Pegrum



O impacto das novas tecnologias sobre a aprendizagem linguística é enorme e muda o tempo todo, exigindo tanto dos educadores quanto dos estudantes a aquisição de novas habilidades e estratégias para eles poderem ter acesso ao potencial que essas ferramentas lhes podem oferecer.

A pandemia nos mostrou que não basta ter um computador na escola. É preciso que todos tenham acesso à internet em suas casas e que, além disso, saibam utilizá-la e estabelecer regras de convívio com ela, porque computadores, por si só, não educam. É preciso promover o desenvolvimento de capacidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar, visando uma adequação, o mais prática possível, para que as aprendizagens ocorram.

Nas pesquisas científicas destes últimos dez anos, observamos que os termos **letramentos múltiplos** são encontrados em vários livros e artigos. Mas, qual é a diferença entre letramentos e letramentos múltiplos?

Leite e Botelho (2011, p. 02, grifo das autoras), afirmam que “[...] mediante a diversidade de práticas culturais e sociais de leitura e escrita que se fazem presentes na sociedade atual, mais do que letramento ou letramentos, o termo que abarca melhor essa complexidade é **letramentos múltiplos**”. Já para Rojo (2012, p. 13), letramento múltiplo aponta “[...] para a multiplicidade e variedade de práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral”.

Para Rojo (2009, p. 108-109, grifos da autora).

O conceito de *letramentos múltiplos* é ainda um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois envolve, além da questão da multisssemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a *multiplicidade de práticas de letramento* que circulam em diferentes esferas da sociedade e a *multiculturalidade*, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente.

Ao mesmo tempo em que o conceito de letramentos múltiplos vai se modificando, outros conceitos vão aparecendo. A palavra “multiculturalidade”, por exemplo, nos remete ao **multiletramento**. E, segundo Rojo (2012, p. 13),

[...] o conceito de multiletramento [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas

sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e comunica.

Multiletramentos é um conceito criado pelo New London Group (1996) que, segundo Rojo (2013, p. 14, grifos da autora),

O conceito de *multiletramentos*, articulado pelo Grupo Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi” para dois tipos de “mútiplos” que as práticas de letramentos contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro lado, a *pluralidade* e a *diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação.

Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 30) nos falam dos **macroletramento** que definem como “[...] um letramento inspirado em vários outros – e envolve habilidades linguísticas, multimidiáticas, espaciais, cinestésicas e outras”. Este conceito nos faz criar um campo cognitivo ainda maior que letramento.

Este contexto, de estudos sobre as práticas letradas no Brasil e no exterior, fez emergir um novo termo: **panletramento**. Esta palavra tenciona acionar todos os processos de construção e todos os conceitos de todas as disciplinas que tantos os estudantes quanto os professores ou quaisquer outras pessoas formaram até o momento para a apreensão de um assunto desconhecido ou não. O letramento matemático se une com o linguístico e forma ou fortalece um novo, o digital, por exemplo, mas aquele letramento matemático continua em construção, o linguístico também continua em construção assim como todos os outros que estão em desenvolvimento. E neste sentido, podemos observar que muitos teóricos atuais ora usam o termo letramento/letramentos, multiletramento ou multiletramentos, letramento múltiplo/letramentos múltiplos mostrando que os termos ainda estão em processo de construção, por mais que novos termos estejam surgindo no meio social.

E, à medida que haja a necessidade de se construir um novo conhecimento, vários letramentos que estão construídos ou em construção são acionados e esses conhecimentos/letramentos já modificados e interrelacionados modificam o novo e continuam a se modificar. Deste modo, sempre será uma nova construção, individual e



coletiva, entre dois ou vários letramentos que se fortalecem/modificam para poder construir um novo.

O panletramento se manifesta quando, a partir da leitura de um texto em qualquer formato ou suporte, construímos mentalmente relações conceituais com os outros conhecimentos que já elaboramos e à medida que nós mesmos vamos proporcionando a interação do que sabemos com o novo vamos construindo novos conhecimentos. Esse processo mental aciona todos os nossos letramentos previamente construídos ou em construção, elabora, seleciona, relaciona conhecimentos necessários para compreender o assunto que se está sendo lido pela primeira vez, descarta o que não interessa para aquele momento, para aquele assunto, interfere para a produção de novos conhecimentos.

Nesse movimento, novos conceitos vão se formando, elaborando, reelaborando em nosso cérebro de maneira *a priori* multidimensional e *a posteriori* unidimensional e forma o novo conhecimento e novamente se mistura com os demais e tudo recomeça. Nesses espiralado processo de construção de novos saberes, usamos todos os conhecimentos que já temos construído sejam eles semânticos, sintáticos, morfológicos, fonológicos, lexicais ou discursivos e, ao mesmo tempo, que modificamos, construímos um novo conceito, aqueles que usamos para tal continuam em processo de elaborações e reelaborações.

Barton e Lee (2015) apresentam conceitos novos e reconceituam outros a partir das práticas de linguagens e letramentos digitais (*online*) síncronos ou assíncronos.

Os autores fazem referência às **práticas de linguagem** escrita e falada em textos *online* e *offline*. E são denominadas também de **práticas de letramento** “[...] porque há padrões comuns na utilização da leitura e da escrita [...] e são constituídas por atividades específicas e, ao mesmo tempo, fazem parte de processos sociais mais amplos”. (BARTON; LEE, p. 40). As práticas de letramento incluem planejamento de viagem, passeios, compras e vendas e muitas outras ‘atividades específicas’. Além disso, para Barton e Lee (2015, p. 40) “[...] o letramento é fundamental para [...] a tarefa escolar em que o resultado é um texto escrito, o que pode ser visto como certo tipo de prática letrada: *práticas de produção de texto*”.

Estes autores (2015, p. 41), nos mostram que “*Prática* [...] é um conceito-chave subjacente aos estudos dos letramentos e faz dos estudos de linguagem e letramento o que eles são”. E acrescentam, (2015, p. 41), que “Essa “teoria da prática” se enraíza na obra de Ludwig Wittgenstein e é estudada na investigação filosófica contemporânea [...]”.

Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 21) afirmam que há diversos tipos de letramentos digitais e os classificam da seguinte forma: letramentos digitais com foco em linguagem: impresso; em SMS [Short Message Service – Serviço de Mensagem de Texto]; em hipertexto; em multimídia; em jogos; móvel; em codificação. Letramentos digitais com foco na informação: classificatório; em pesquisa; em informação; em filtragem. Letramentos digitais com foco em conexões: pessoal; em rede; participativo; intercultural e letramentos digitais em com foco no (re)desenho: remix, numa escala de complexidade, respectivamente e em macroletramentos.

Para Barton e Lee (2015, p. 49), é preciso pensar sobre a postura, que está relacionada como as opiniões das pessoas que são realizadas/postas/expressas nos ambientes *online*. Postura “[...] reúne ampla gama de trabalhos que buscam compreender como os significados dos enunciados são expressos e como os falantes (ou escritores) se dirigem a seu público”.

4 A situação educacional relatada pelos professores

Para saber como ocorreu o processo de transição entre aulas presenciais e aulas *online* e como foi significado pelos professores de Sinop-MT, elaboramos algumas questões e enviamos através do *Google Forms* para professores. Ao obtermos o retorno dos questionários, tabulamos as respostas de cada pergunta a fim de perceber os sentidos predominantes e os divergentes. É importante destacar que as perguntas não tinham a obrigatoriedade de resposta, nem de identificação do usuário.

A primeira questão submetida foi com relação à opinião do professor sobre o uso das plataformas *online* para o desenvolvimento das atividades escolares. Entre as respostas, destacamos as seguintes:



1 - Eu entendo como **muito interessantes** e neste tempo de pandemia **obrigatórias**. Usamos as plataformas **todos os dias** e tem nos trazido **possibilidades de boas práticas**.

2 - São **importantes** para a concretização de um ensino híbrido, mas **não são prioritárias** e **não substituem o ensino presencial**, mas se **complementam**.

3 - Plataformas **boas**, porém **exigem uma ótima conexão de internet**. Esse foi o fator prejudicial durante o Ensino Remoto.

4 - O uso de plataformas on-line para o desenvolvimento de atividades escolares **seria** algo bastante **interessante** se fosse proposto a partir de uma preparação previa, estudos e formação de professores e alunos. As plataformas on-line nos **oferecem muitas possibilidades de interação e diferentes formas de trabalho**, mas é importante que o professor esteja preparado para tal uso. O planejamento, o material utilizado e a metodologia de trabalho devem estar alinhados para que seja feito um bom uso das plataformas virtuais.

5 - O uso da plataforma é **válida**. Mas, **exige uma formação** mais consistente. Dar aula para o Ensino Superior online é uma coisa para alunos de 11 / 12 anos, meu caso, é outra. Pois, necessita de um acompanhamento dos pais e responsáveis. O que nem sempre tem.

Podemos observar que as três primeiras respostas apontam que, sobre os usos das plataformas online para o desenvolvimento das atividades escolares os professores, o definem como “interessantes”, “importantes”, “boas”, “válida”, “oferecem possibilidades de interação” e “diferentes formas de trabalho”. A resposta 4 traz uma condicionante: “seria interessante se”, indicando que, para esse professor, as atividades apresentavam problemas no momento em que o questionário lhe foi enviado. A indicação desta resposta encontra indícios compatíveis nas opiniões dos outros professores que apontam que “exigem conexão com a internet”, “o professor precisa estar preparado”, “exige uma formação mais consistente”, “necessita acompanhamento”. A resposta 2 aponta que “não é prioritário”, “não substitui o presencial”, funcionando como complemento um ao outro



e este apontamento corrobora com a indicação na resposta um de que o uso é “obrigatório”, demonstrando que o professor não teve opções sobre o uso das plataformas, sendo submetido a essa utilização ainda que não estivesse “preparado”. Outro aspecto destacado é sobre o trabalho com diferentes faixas etárias e níveis de ensino.

Na resposta 1, o professor afirma que por usar a plataforma todos os dias tem trazido possibilidade de boas práticas. O apontamento é interessante, porque, a princípio, pensávamos que todos os professores apresentariam dificuldades, mas este não é o caso.

Na resposta 2, o professor entende o ensino híbrido como ensino *online*. Recorrendo à teoria, apontamos que ensino a distância, ensino híbrido e ensino remoto são distintos, mas ambos usam as plataformas digitais e a modalidade *online* em partes ou no todo para desenvolver as atividades.

Segundo Bianca da Silva (2020, p. 01), o **ensino a distância** ou EAD é uma modalidade *online* em que o conteúdo e as atividades ficam disponíveis nas plataformas e os estudantes matriculados acessam, estudam e respondem no horário que lhe são mais convenientes.

O **ensino híbrido** é composto de parte presencial e parte *online* que juntos formam um *continuum*. De modo geral, dá mais autonomia para os estudantes, pois as atividades e os estudos referentes aos conteúdos podem ser pesquisados em outras fontes e trazidas para discussão nos momentos presenciais. O ensino híbrido nas falas de Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) é normalmente conceituado como uma metodologia que faz usos de diferentes tecnologias e que possibilita que o ensino presencial em sala de aula e o *online* possam acontecer para a mesma turma em momentos diferentes.

Já o **ensino remoto** ocorre por meio de aulas síncronas, ou seja, nos dias e horários que os estudantes estariam na escola de forma presencial, eles acompanham as mesmas aulas de modo *online* através de Plataformas Digitais. Em Mato Grosso, há em andamento esta modalidade, porém com algumas adequações por parte dos profissionais das unidades escolares. Algumas destas optam por dividir as disciplinas por área e a cada semana os estudantes têm aulas de uma área.



O entrevistado afirma ainda que as Plataformas não são prioritárias e nem substituem o ensino presencial. Entende de modo amplo que ensino presencial e *online* se complementam. Mas observamos que naquele momento (2020) as aulas estavam somente *online*, ou seja, não havendo encontros presenciais.

Na resposta 3, o professor aponta a conexão com a internet como fator prejudicial durante o Ensino Remoto. Destacamos que a conexão com a internet sempre foi um dos problemas enfrentados pelas escolas, mesmo em tempos de não pandemia. Na resposta deste professor, percebemos que, na pandemia, o problema com internet persiste e intensifica-se na medida em que mais pessoas passam a depender das conexões ao mesmo tempo e para diversas atividades. A falta de acesso a uma internet que tenha uma boa conexão prejudica o andamento das atividades. Observem que aqui o problema não é a transição do ensino presencial para o *online* (Ensino Remoto) que torna dificultoso as aulas, mas a falta de acesso a uma internet que tenha uma conexão boa que prejudica o andamento das atividades.

Na resposta 4, percebemos que o profissional sente diferença nesta transição presencial/*online* e entende que deveria haver “[...] preparação previa, estudos e formação de professores e alunos” para que as atividades pudessem transcorrer de forma mais equilibrada. A formação continuada de profissionais da educação ocorre regularmente nas Escolas da Rede Estadual, mas, como a pandemia nos pegou a todos desprevenidos e é lógico que o foco da formação continuada em 2019 não foi sobre a transição do ensino presencial para o *online*. Por mais que já houvesse em desenvolvimento atividades que se aproximavam do ensino híbrido, conforme conceito apresentado anteriormente, nada comparado a esta mudança abrupta de deixar a sala de aula, o ensino presencial e adotarmos tão somente o ensino remoto.

O professor ainda agrega que “O planejamento, o material utilizado e a metodologia de trabalho devem estar alinhados para que seja feito um bom uso das plataformas virtuais”. Esta percepção nos indica que a formação continuada é importante; que possibilitar aos profissionais entenderem e usarem as tecnologias para fomentar suas



aprendizagens e a dos estudantes também e que os ensinos remoto, híbrido ou a distância precisam de internet boa para se desenvolverem.

Já a resposta 5 traz uma comparação diferente com relação à didática. Diz que “Dar aula para o Ensino Superior *online* é uma coisa para alunos de 11/12 anos, meu caso, é outra. Pois, necessita de um acompanhamento dos pais e responsáveis. O que nem sempre tem”. Aulas remotas para a segunda etapa do Ensino Fundamental na qual este profissional atua, considerando a idade dos estudantes, é vista com preocupação e traz o ‘acompanhamento dos pais’ como fator importante para o desenvolvimento das atividades educacionais.

É certo que os pais, de modo geral, não são as pessoas mais assíduas à escola em que o filho ou os filhos estudam. Podemos inferir até que depois que o whatsapp⁴ começou a funcionar, em 2009, e suas características começaram a ser usadas com mais frequência no Brasil, dois ou três anos depois, a comunicação com os pais pela escola passou a usar este mecanismo de mensagem. Grupos de pais por turma; grupo geral de pais por escola, grupos de professores da disciplina x com estudantes das turmas x, grupos de gestores, grupo de coordenadores, grupos de professores por disciplina, por área, por turno. Este processo melhorou a comunicação entre a escola e os pais, mas ainda assim, o profissional observa que não é suficiente.

Outro item que merece destaque nesta resposta é a diferença posta entre dar aulas para adultos, no Ensino Superior e dar aulas para estudantes de 11/12 anos. Existem especificidades educacionais em cada fase escolar. Os jovens de 17 anos ou mais, que são os que já estão saindo do Ensino Médio e entrando em uma faculdade, possuem já uma maturidade que os adolescentes de 11 ou 12 anos não possuem. Deste modo, trabalhar com estas faixas etárias tão distintas exige planejamentos também distintos.

4 CHEQUER, Victor. **WhatsApp no Brasil**: como o app se tornou a principal forma de comunicação digital? Disponível em: <<https://www.take.net/blog/whatsapp/whatsapp-no-brasil>>. Acesso em: 06 abr. 2021.



Passando para a questão seguinte, o questionário enviado aos professores buscava respostas para a pergunta: Como significa para você a mudança do presencial para o *online*, em função da pandemia COVID-19? Observemos as respostas destacadas:

1 - Tivemos de ***nos adaptar*** ao tecnológico, às tecnologias digitais e isso passou por ***mudanças de locomoção, espaço, metodologias, enfim, estamos ressignificando a educação.***

2 - Significa um ***processo de exclusão social*** na medida em que nossos ***alunos não estão preparados emocionalmente e financeiramente*** para tal mudança.

3 - Nesse contexto, as aulas on line é a saída mais adequada para mantermos o isolamento e a aprendizagem dos estudantes. Todavia, a maneira como ela foi implantada e implementada ***não corresponde aos contextos e realidades que os estudantes estão inseridos.*** Muitos não tem internet em casa e nem condições ou espaço para estudarem. Até a minha avó que era analfabeta sabia que ***uma criança ou adolescente não fica parado*** em frente a um computador ***estudando por 4 ou 5 horas*** seguidas. Em suma, o que era para ser um bem se tornou um mal: ***professores doentes, estressados e evasão de estudantes.***

4 - Algo inesperado que veio para favorecer o ensino/aprendizado. Não ***houve tempo para resistência,*** ou você adotava ou estava fora da sala de aula.

5 - Um ***desafio*** muito grande, pois estávamos muito habituados ao trabalho presencial e a mudança para o ambiente on-line podem não ser fácil para professores e alunos. Muitos tem ***difículdade de utilizar os equipamentos e a plataforma.***

6 - Um ***desafio*** imposto pelo invisível, mas que nos desafiou e provou que é possível usar as tecnologias a nosso favor. Precisamos, sim ***nos preparar*** melhor, ***ao invés de fugirmos.***



7 - Uma *adaptação necessária, atípica*. Porém, ao meu ver a implantação foi de modo "pra ontem" e *nem todos tem amparo tecnológico* para isso, muito menos *treinamento*.

A resposta 1 apresenta novos elementos que se relacionam com a transição do ensino presencial/*online*. O professor indica que não há mais a locomoção até a escola, não há mais os cumprimentos de forma presencial, não há mais as conversas entre os servidores etc., apontando que o espaço também foi alterado significativamente. A sala de aula da escola com 40 metros quadrados, com turmas com mais de 40 alunos, com rodízio, muitas vezes com 4 ou 5 professores por turma, diariamente, passou para um pequeno espaço na casa de cada profissional.

Já o posicionamento 2 traz à tona uma realidade com a qual convivem profissionais que atuam em escolas das redes públicas de educação: a exclusão social. Diferentes pesquisas abordam essa temática (BAGNO, 2007; LÉVY, 1999; ROJO, 2009, JENKINS, 2009; PÉREZ GOMÉZ, 2015, entre tantos outros) no tocante a cor, origem, língua e, agora, também pelo não acesso às tecnologias. Pierre Lévy já dizia (1999, p. 237) que “Toda nova tecnologia cria seus excluídos”, e parafraseando o mesmo podemos afirmar que a mudança de usos de tecnologias (sair do uso de tecnologias do presencial para o uso de outras tecnologias online) também gera seus excluídos. Além disso, há estudantes que não têm o que comer em casa e que, na pandemia, vão até a Escola para pegar as cestas básicas que foram adquiridas através do dinheiro destinado à merenda escolar.

Na resposta 3, o professor se mostra preocupado com a segurança dos estudantes e tece críticas à maneira como o processo de transição foi implementado, retoma fala de outros colegas de profissão de que os estudantes não têm condições tecnológicas para estudar e acrescenta que nem espaço físico. Alguns pais conseguiram com muito custo comprar um plano de internet e quando a câmera abre é possível visualizar os lares de muitas crianças, jovens e adolescentes.



Outro ponto importante e sobre o qual se discutiu é o fato de se ter as mesmas quantidades de aulas *online* como eram as quantidades presenciais, ou seja, cinco horas diárias de aula. Este professor faz uma fala de que “Até a minha avó que era analfabeta sabia que uma criança ou adolescente não fica parado em frente a um computador estudando por 4 ou 5 horas seguidas”. E isso é uma verdade e, por isso, muitas escolas estaduais de Mato Grosso reorganizaram seus horários e colocaram as aulas por área semanalmente. Isso facilitou a organização dos materiais, a produção de vídeos, de apostilas, a orientação mais específica sobre as atividades dos estudantes.

Há uma fala deste professor que a princípio aconteceu. Diz ele que, este processo de transição do presencial para o *online*, pelas angústias da doença, pelo processo de inovação didático-metodológico, sem formação continuada, acabou por provocar, nos professores, algumas doenças, estresse e a evasão de estudantes. É óbvio que a evasão dos estudantes não ocorreu somente no período de pandemia, mas, neste período, as evasões são maiores, principalmente, das pessoas em maior vulnerabilidade social. A Unicef em um relatório de 2017 (p. 03) intitulado ‘Cenário da exclusão escolar no Brasil’ já afirmava que “Exclusão escolar atinge principalmente meninos e meninas vulneráveis, já privados de outros direitos”. E estes são os mesmos meninos e meninas que a pandemia tem excluídos da educação formal.

Na resposta 4, observamos que o professor tem uma maneira diferente de encarar a transição, com mais otimismo, ou com um otimismo cínico, pois a posição dele mostra uma realidade: ou nos adequemos, ou estamos fora do processo ou “[...] fora da sala de aula”.

Na resposta 5, temos a palavra desafio, que aponta que os profissionais entendem que a transição presencial/*online* deve ser encarada como mais um desafio diante de tantos que nós professores enfrentamos todos os dias. Outra fala foi a de que “Muitos tem dificuldade de utilizar os equipamentos e a plataforma”, este profissional se refere tanto a professores como aos estudantes. E este também é um retrato que temos. Não somos produtores de vídeos, não somos *youtubers* que fazem vídeos diariamente para falar sobre algum assunto; não somos diagramadores; muito menos câmeras ou influenciadores



digitais. Somos professores, trabalhamos com ensino e aprendizagem de disciplinas específicas. Porém a realidade pandêmica fez com que nos reinventássemos didática e metodologicamente.

A fala demonstra otimismo. “Precisamos, sim nos preparar melhor, ao invés de fugirmos”, mesmo porque não temos para onde fugir deste “desafio imposto pelo invisível”, pois os estudantes estão aí querendo estudar e os que estão no processo seja *online* seja por apostilas devem receber todo o nosso carinho e por eles precisamos usar “as tecnologias a nosso favor” e continuarmos trabalhando, dia após dia. Esperando que possamos, num futuro não muito distante, voltarmos as aulas presenciais e aí é certo que não seremos mais os mesmos. A pandemia está nos ensinando muito, inclusive que temos capacidade de superar muitas barreiras e seguirmos com o firme propósito de nossas funções.

Na resposta 7, observamos que este professor tocou num ponto muito sensível “[...] nem todos tem amparo tecnológico para isso” e este ‘nem todos’ inclui professores e estudantes. Não ter acesso à internet é uma coisa, não ter aparelho como celular, tablet ou computador para poder acessar a internet é outra. E muitos professores e estudantes se viram nesta situação.

Outro problema também aconteceu com a abertura de vários grupos de *whatsapp* em que os números particulares de telefone dos professores foram parar em 20 turmas, por exemplo. Houve, por conta disso, alguns conflitos: alunos mandando mensagem depois da meia noite; a propaganda de produtos diversos, passando por comida e chegando a roupas, principalmente, *lingerie*. Alguns profissionais preferiram comprar outro *chip* e usar para atender a demanda da escola. Além disso, com as muitas atividades para corrigir virtualmente por turma, as memórias dos aparelhos encheram muito rápido e aconteceu de celular simplesmente parar de funcionar.

A terceira questão apresentada no questionário aplicado aos professores é “Na sua opinião tirar *print* da tela do computador e depois escrever no caderno auxilia os estudantes no processo de aprendizagem? Por quê?”. Para esta pergunta, selecionamos as seguintes respostas:



1 - O print os estudantes de minhas turmas tiravam. Mas isso **não é um empecilho** no processo de aprendizagem como alguns profissionais pensam. Tenho estudantes que tiram print e aprendem e outros que tiram print e não aprendem. Tenho estudantes que copiam no caderno e aprendem e outros que não copiam e aprendem. Nos dias atuais, tirar print **não faz diferença** porque os estudantes recebem o material em PDF e realizam as tarefas e postam na Plataforma em word ou PDF então tirar print **perdeu o sentido**.

2 - Não! Para que o aluno possa aprender o ensino deve ser significativo e o simples fato de **copiar** para o caderno **não lhe garantirá uma aprendizagem significativa**.

3 - Não, neste caso ele **aprende apenas a copiar**.

4 - Se ele **refletir/entender** sobre o print, sim; se for uma mera cópia, não!

5 - **Auxilia** da mesma forma que acontecia quando o professor escrevia no quadro ou fornecia um livro e pedia para os alunos **copiarem**. Mudou a forma de expor o conteúdo, porém a **didática é a mesma**

6 - Acredito que há vários **recursos tecnológicos** e esse é um deles, se o alunos se adequa não vejo problema. **Funciona como um livro virtual**

7 - Um pouco, acredito que alguns alunos aprendem ao escreverem, então ao fazerem a **transcrição do print para o caderno** podem fazer uma revisão dos conceitos trabalhados.

Esta era uma discussão iniciada já nas escolas estaduais porque, em Mato Grosso, a Lei n. 10.232, de 29 de dezembro de 2014 que “Torna defeso, para fins não pedagógicos, o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso” e enumera que estes aparelhos eletrônicos são “-celulares; -MP3; -MP4; -IPOD; -notbooks; -smartfones; -câmeras digitais; -tablets; -outros”. E, deste modo, em



sala de aula, os estudantes usavam celular e câmeras para tirar fotos das matérias que eram passadas na lousa.

Então, entende-se que, na visão deste profissional, não é o *print* ou a escrita que faz com que os estudantes construam conhecimentos. Além disso, este professor faz uma observação muito pertinente “Nos dias atuais [dezembro de 2020], tirar print não faz diferença porque os estudantes recebem o material em PDF e realizam as tarefas e postam na Plataforma em *word* ou PDF então tirar print perdeu o sentido”.

Percebemos que as respostas estão em sintonia. Não é o ato de copiar ou de tirar *print* do conteúdo que faz com que o estudante aprenda e sim “Se ele refletir/entender sobre o print”, ou sobre os conteúdos sobre os quais está estudando. *Print* ou cópia não faz diferença, porque o processo de ensino é o mesmo. São meios tecnológicos que podem ser usados de forma pedagógica em sala de aula sem que com isso seja tirada a autonomia do professor. Mas há de se levar em conta também os limites. Existem pessoas de todas as idades que não conseguem entender seus limites e, assim como os estudantes nas escolas, acabam extrapolando. Alguns estudantes fazem usos de celulares e de câmeras fotográficas ou caixas de som que, além de invadir o direito do outro, – que pode ser um colega ou professores e gestores – também interfere na harmonia do ambiente. Neste sentido, os exageros podem e devem ser contidos, para que não haja incidentes maiores.

Passemos a outro questionamento: “Qual é a quantidade real de estudantes que frequentam as aulas *online* considerando o quantitativo de matriculados nas turmas?”. Como temos respostas curtas e muito similares, resolvemos agrupá-las.

Na resposta 1, temos “*de 4 a 10 por turma de um total de 35 a 40.*”; na resposta 2, o professor esclarece que “*No início do ano letivo, [agosto de 2020] de uma turma de 32 alunos matriculados, tínhamos a participação de 12 a 15 alunos. (Noturno), com o passar dos dias houve um declínio na participação tendo dias em que havia dois alunos participando das lives no teams.*”. Na resposta 3, temos “*Entre 1 a 3 estudantes*”; na resposta 4, o professor respondeu que: “*Uma porcentagem mínima, no máximo 20% dos estudantes da turma.*”; na resposta 5, o professor colocou a porcentagem “*30%*”; na resposta 6, o entrevistado respondeu que “*O maior número fica em média de 10 alunos.*”



A maioria das turmas têm menor participação que fica numa média de 1 a 3 alunos.”; na resposta 7, também temos a porcentagem de “10 a 20%”; na resposta 8, temos uma inversão. O entrevistado respondeu também em porcentagem, mas colocou “80%”, ou seja, que 80 por cento da turma participa das aulas. Na resposta 9 temos que porcentagem “Não chega a 10%”; na resposta 10 temos: “Média de 4 alunos por turma num total de 30 alunos.”.

No Estado de Mato Grosso, desde 2002, tínhamos a implantação gradual no Ensino Fundamental da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana, instituído para Resolução Normativa n. 262, de 05 de novembro de 2002, editada pela Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso. Em seu art. 12, afirma que “As turmas se formarão com grupos entre 23 e 30 alunos para os ciclos de ensino fundamental e entre 30 e 35 alunos para o ensino médio”. Com relação ao número de estudantes, por turma, o processo não tem muitas mudanças. Em 2010, por exemplo, a Portaria n. 580, de 19 de outubro de 2010, da Seduc-MT, afirmava que o Primeiro e o Segundo Ciclos (de 1º ao 6º anos) deveriam ter turmas composta de 23 a 27 estudantes; o Terceiro Ciclo (de 7º ao 9º anos) deveria ser composto de 27 a 30 estudantes por turma e o Ensino Médio, de 30 a 35 estudantes por turma.

A Portaria n. 363, de 27 de outubro de 2017, indica uma quantidade de estudantes por turma muito parecido. Primeiro Ciclo (1º aos 3º anos), de 23 a 25 estudantes; Segundo Ciclo (4º aos 6º anos), de 25 a 27; Terceiro Ciclo (7º aos 9º anos), de 27 a 30 estudantes e no Ensino Médio de 30 a 35 estudantes por turma. De 2002 a 2020 tivemos a vigência da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana na rede estadual, e sem discussões, a partir de 2021, o Decreto n. 723, de 24 de novembro de 2020, exclui os Ciclos de Formação Humana e adota a nomenclatura de Ensino Fundamental anos iniciais (1º aos 5º anos) com turmas compostas de 25 alunos; Ensino Fundamental anos finais (6º aos 9º anos), com turmas de 30 alunos e o Ensino Médio, com turmas de 35 alunos.

Quando os profissionais falam da porcentagem de estudantes que frequentam as turmas nas aulas remotas, ainda se referem aos quantitativos anteriores ao Decreto n. 723, de 24 de novembro de 2020, pois a vigência deste é para 2021. Neste sentido, quando se



diz de uma porcentagem de 10, 20, ou 30% como alguns responderam, se for no ensino fundamental, numa média de 5 a 12 estudantes por turma. É um percentual muito baixo de participação. Retornamos então às respostas das questões um e dois e dos processos de exclusão pelo não acesso às tecnologias, pelo não acesso a uma internet de qualidade e outros critérios.

A questão seguinte apresentada aos professores é: “A frequência mudou desde o início das aulas *online* até o final do ano letivo? Como? Por quê?”

1 - Sim. Temos em média 70 por cento menos estudantes por turma. Isso é muito angustiante, mas os que estão, tentamos propor atividades que os façam aprender o máximo possível.

2 - Sim! A maioria dos alunos optaram por não participarem das lives no teams, alguns perderam o acesso no aplicativo, o que ficou restrito ao grupo no WhatsApp, as aulas, e as atividades foram viabilizadas no forms dispostas em links para facilitar o acesso e a participação dos alunos.

3- Não.

4 - Sim, aos poucos, eles foram desistindo. Muitos me diziam que tinham problemas com a internet. No período vespertino, houve a maior evasão. Imaginem os estudantes (do Ensino Médio) no calor de Cuiabá cinco horas na frente do computador. Os motivos? Só eles poderiam responder, uma dessas estudantes me explicou que era cansativo demais. Ela pediu para "a escola" que reduzisse a quantidade de horas on line, como não foi atendida, desistiu!

5 - Sim. De 60% para 30%

6 - Sim, houve uma diminuição, inclusive da entrega de atividades, por inúmeros motivos, alunos que ficaram sem internet, problemas familiares e o pensamento de que esse ano não pode reprovar nenhum aluno.



7 - *Sim, alguns estudantes **deixaram de participar** da aula on-line para responder as apostilas impressas.*

8 - *Nossos alunos, muitos migraram das aulas online para apostila.*

9 - *Os alunos têm a certeza que no final do processo serão **aprovados** frequentando ou não.*

10 - *Sim. Muitos **desanimaram...** uns por ter **dificuldade** em usar a plataforma Teams disponibilizada. Outros por não ter condições de adquirir uma **internet** melhor, etc. Outros por não ser acompanhados pelos pais/responsáveis utilizavam o aparelho para jogar, ocasionando a retirada do acesso pelos pais após aviso da não participação. Outros por saber pela mídia que **ninguém iria reprovar...** então porque "**perder tempo**". E, muitos, principalmente 9 anos, para **trabalhar, ajudar na despesa da casa.***

Observamos que apenas um professor afirmou não ter mudança na frequência dos alunos. Os demais, mostram-se angustiados por não terem todos os estudantes participando das aulas, mas, ao mesmo tempo, se esforçam para atender com qualidade os que estão frequentando. Em 2020, usava-se a Plataforma Teams, por ‘recomendação’ da Secretaria de Estado de Educação, como meio para realizar as aulas *online*. Como dito anteriormente, esta Plataforma é da *Microsoft*, e para acessá-la, usava-se *e-mail* da *hotmail*. Se os estudantes ‘perderam o acesso’, isso implica afirmar que perderam a senha de acesso ao *e-mail* que era composto pelo número de matrícula dos estudantes e o final @hotmail.com. Uma situação bem normal para quem nunca usou *e-mail* e estamos falando de adolescentes e jovens de 11 a 17 ou 18 anos.

Alguns, principalmente, os mais novos, não tinham *e-mail* até a obrigatoriedade do uso da plataforma. Mas, ainda assim, com as dificuldades, o mesmo afirma que estes estudantes, que não tinham acesso à Plataforma, continuaram participando das aulas através de “grupo de WhatsApp” e que “[...] as atividades foram viabilizadas no forms [Google Forms?] dispostas em links para facilitar o acesso e a participação dos alunos”. Bom, aqui observamos que há ações diferenciadas.



Por um lado, é interessante observar que o profissional, ao perceber o não acesso dos estudantes à Plataforma, possibilitou o acesso às atividades de outras formas. Porém, esta é uma disciplina. No Ensino Fundamental, da Rede Estadual, são 8 disciplinas semanais e no Ensino Médio, 13 disciplinas. Será que todos os professores agiam da mesma forma? Ou alguns sim, outros não. Pensando mais à frente, caso somente uma ou duas disciplinas permitissem o acesso fora da Plataforma, na hora do Conselho de Classe, por exemplo, este estudante ficaria com notas em umas e sem em outras disciplinas? Não seria mais prudente orientar o estudante para que o mesmo pudesse recuperar o acesso?

Os professores também apontam que os estudantes foram desistindo aos poucos. E listam os problemas: internet, calor, muito tempo diante do computador. Uma observação importante é que “No período vespertino, houve a maior evasão” e isso pode estar relacionado ao calor mesmo, pois, na maioria das 19 Escolas Estaduais de Sinop, há ar-condicionado nas salas. O que aplaca um pouco o calor, mas esta não é uma realidade dos profissionais e dos estudantes em suas moradias.

Outro aspecto destacado relaciona-se à avaliação dos estudantes. A ideia de não reprovação remete a implantação e implementação da Escola Organizada em Ciclos de Formação Humana, desde 2002. Antes, o estudante não podia reprovar porque era Ciclo; agora, não pode reprovar, porque estamos na pandemia.

Há ainda a indicação de que os alunos optaram por estudar as apostilas em vez de participar das aulas. E há mais um aspecto dificultador apresentado pelos profissionais: os estudantes ganham o celular com acesso à internet para poderem acompanhar as aulas *online*, ao invés disso, não frequentam as aulas e usam o tempo e a internet para jogar. E quando os pais são notificados que os filhos não estão frequentando as aulas *online*, retiram o aparelho. Se pensarmos nos estudantes do Ensino Fundamental, de 11 a 15 anos, que nunca tiveram celular ou internet, que veem os colegas e amigos jogarem, quando se deparam com esta possibilidade, sem o acompanhamento de um responsável, acabam extrapolando os limites. Mas entendemos que esta também é uma transição que precisa ser discutida, entendida e orientada. Não é tirando o celular do estudante, tirando a possibilidade de o mesmo poder ir aos poucos se adequando aos novos modos de



educação, que vai resolver o problema. Pelo contrário, este estudante continuará com os mesmos procedimentos logo que tiver acesso a um celular conectado à internet.

“O ensino por meio de plataformas, como o Microsoft Teams, pode ser considerado de qualidade? Esta foi a questão seguinte feita aos professores. Para essa pergunta, destacamos as seguintes respostas:

1 - Eu entendo que sim. Da mesma forma que o presencial. O problema é a participação.

*2 - Pode ser considerada de qualidade na medida em que **complementa** as aulas presenciais e, somente se todos os alunos terem acesso a uma **internet de qualidade**, porque se não, não tem funcionalidade para o ensino.*

3 - Mais ou menos.

*4 - Sim, se fosse um tempo menor de horas na plataforma teams e se todos (professores e estudantes) tivessem **condições materiais e estruturais** para acompanharem as aulas.*

5 - Sim. Uma boa aula não depende de plataformas, depende de interesses.

*6 - É uma ótima ferramenta, mas **não supre a necessidade** do ensino presencial, principalmente porque ministramos aulas para adolescentes e eles **não têm a disciplina e foco** necessários que o EAD exige*

*7 - Acredito que sim, mas não **atinge o número necessário** de alunos*

*8 - **Depende**, a qualidade da internet interfere bastante, e muitas vezes o nosso despreparo com o uso das tecnologias*



9 - Uma parcela considerável dos alunos *não conseguem baixar o aplicativo* por ser pesado algumas escolas *não possuem internet nem computadores* para que o professor utilize a plataforma.

10 - Sim. *Tem qualidade e tem muitos recursos à serem utilizados. Mas, não vejo sendo uma plataforma fácil para adolescente manusearem sozinhos e sem formação consistente pra tal. Até para aqueles que dominam/conhece já foi/é complicada. Portanto, é um aplicativo "pesado" para carregar.*

Na resposta 1 o professor afirma que o ensino *online* tem qualidade, mas retoma ao problema, discutido nas questões anteriores, sobre a pouca participação dos estudantes por turma nas aulas remotas.

Na resposta 2, o professor relaciona a qualidade do ensino *online* com o acesso à internet. Na resposta 3, observamos que o professor que respondeu disse apenas “Mais ou menos” sem mais explicações.

Na resposta 4, vemos que também há condicionantes. Só terá qualidade se houver menos horas de estudos *online*; se todos os envolvidos tiverem “condições materiais e estruturais” para realizar as lives, no caso dos professores e acompanhá-las, no caso dos estudantes.

Na resposta 5, observamos um comentário bem diferente. O professor afirma que para que o ensino por meio de plataformas, como o Plataforma *Teams*, seja considerado de qualidade, não depende dos meios empregados, no caso, o digital, mas de “interesses”.

Na resposta 6, o profissional apresenta uma posição diferente. Não nega que o ensino, por meio da Plataforma *Teams*, possa ser de qualidade. Porém, afirma que os adolescentes que frequentam o Ensino Fundamental anos finais (de 11 a 15 anos – 6º aos 9º anos) e os do Ensino Médio (15 a 17 anos) “[...] não têm disciplina e foco necessários que o EAD exige”. Aqui, o Ensino a Distância – EAD – foi usado, nos parece, como sinônimo de Ensino Remoto, que é o que ocorre nas Escolas Estaduais de Mato Grosso, em 2020, conforme definições anteriores, neste mesmo texto.



Na resposta 7, o entrevistado parece que também condiciona a qualidade do ensino ao número de estudantes participantes nas aulas.

Na resposta 8, encontramos uma reflexão bem pertinente e interessante. Afirma o professor que a qualidade do ensino via Plataforma “Depende, a qualidade da internet interfere bastante, e muitas vezes o nosso despreparo com o uso das tecnologias”. Ele fala que a qualidade da aula *online* depende da qualidade da internet e também da formação dos professores para lidar com a tecnologia. Nas palavras dele temos: “[...] o nosso despreparo com o uso das tecnologias”. E estes são dois pontos muito importantes: a qualidade da internet e a formação continuada dos profissionais em vários campos, inclusive no tecnológico.

Na resposta 9, percebemos que o problema surge, na visão desse professor, antes mesmo da utilização da plataforma. A dificuldade já está na instalação, na estrutura que precisa estar garantida antes do recurso ser colocado em uso.

Já na resposta 10, última resposta em análise, temos alguns pontos que merecem destaque. O professor esclarece que a Plataforma “[...] tem muitos recursos à serem utilizados.” E isso é uma verdade. Criar e excluir turmas; criar e excluir *link*, espaço para armazenamento de atividades, tarefas, avaliações. Espaço aberto para as *lives*. Possibilidade de passar vídeos e telas. Bloqueia e desbloqueia o som dos estudantes e muitas outras possibilidades. O professor alerta que a Plataforma pode ser usada, “Mas, não vejo sendo uma plataforma fácil para adolescente manusearem sozinhos e sem formação consistente pra tal.”. Esta é uma preocupação grande que os profissionais têm. Desde o estudante perder o acesso, como já comentamos antes, até o mesmo se entender com as várias facetas e pastas da Plataforma. Não há como dizer que todos os estudantes dominam a tecnologia e para eles seria mais fácil. Isso não é uma realidade.

Cysne (2007, p. 12) já afirmava que “A superação do quadro de exclusão digital vem colocando-se como um desafio para as políticas públicas, não apenas no Brasil, uma vez que se insere também em um modelo mais amplo de combate à exclusão social”. E Marques (2012, p. 02) traz que “A idéia é a de que a exclusão digital [...] precisa, em suma, ser combatida e os métodos passam, dentre outros caminhos, pela ação reguladora



do Estado”. E ao que parece, este combate à exclusão digital não aconteceu. E o professor finaliza afirmando que “Até para aqueles que dominam/conhece já foi/é complicada.”, e completa “[...] é um aplicativo "pesado" para carregar.”.

Considerações

A pandemia nos possibilitou olhar a vida por um outro prisma. E, no que se refere à educação, os professores precisaram aprender a lidar com ferramentas e programas para realizar a transição das aulas do presencial para o *online*. Nesta tensão inicial, tivemos os lares de professores e estudantes invadidos por lives, aulas remotas e esta invasão causou desassossego.

As respostas às questões que elaboramos e aplicamos aos professores da Rede Estadual do município de Sinop-MT, mostra-nos que, no início, houve um período de adequação que não foi fácil. Os professores precisaram aprender na prática, muitos deles, a usar a Plataforma Teams, pois esta foi a ferramenta disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso para a viabilidade das aulas *online*.

A partir de agosto de 2020, 380⁵ mil estudantes deveriam ter voltado às aulas em Mato Grosso, mas, conforme dados do Secretário de Estado de Educação, Alan Porto, destes (380 mil), 76 mil não retornaram às aulas. Estes dados coadunam com as respostas dos entrevistados quando afirmam que muitos estudantes desistiram das aulas por diversos motivos: não ter celular ou computador com internet de boa qualidade; muitas horas diárias de estudos online; o calor, principalmente, no período vespertino.

Observamos pelas respostas que ao longo do ano de 2020, houve muitas mudanças significativas na prática pedagógica, na didática dos professores e nas metodologias usadas por estes para ministrar aulas.

⁵ Cerca de 76 mil alunos da rede estadual de MT desistiram dos estudos em 2020. **Por G1 MT.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/01/27/cerca-de-76-mil-alunos-da-rede-estadual-de-mt-desistiram-dos-estudos-em-2020.ghtml>. Acesso em: 07 abr. 2021.



Referências

- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adoldo; TREVISANI, Fernando Mello. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.
- CANDLIN, Chris; HADFIELD, Jill. Prefácio. In: DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016, p. 09-11.
- CYSNE, Rommel. **Exclusão digital: desafios para a consolidação da cidadania**. Rio de Janeiro: Rommel Cysne, 2007. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-33975/exclusao-digital--desafios-para-a-consolidacao-da-cidadania>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEITE, Josieli Almeida de Oliveira; BOTELHO, Laura Silveira. Letramentos múltiplos: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e escrita. Minas Gerais: **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**. v. 10, 2011. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br>>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Democracia online e o problema da exclusão digital. **Compós**. XXI Encontro Anual da Compós. Minas Gerais. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1834.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.
- MATO GROSSO. **Decreto n. 407, de 16 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390925>>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- MATO GROSSO. **Decreto n. 723, de 24 de novembro de 2020**. Dispõe sobre processo de matrículas e de formação de turmas na Educação Básica, nas Unidades Escolares da Rede Pública Estadual de Ensino de Mato Grosso. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/legislacao/diario_oficial#956-2020-false-20>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- MATO GROSSO. **Lei n. 10.232, de 29 de dezembro de 2014**. Torna defeso, para fins não pedagógicos, o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso. Disponível em:



<<http://www.mt.gov.br/documents/8501214/0/29.12.14+Lei+10232+Torna+defeso+o+uso+de+aparelhos+eletr%C3%B4nicos+em+sala+de+aula.pdf/d0fe8b1f-8b21-8e5f-0730-abfd59b0194f>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MATO GROSSO. **Portaria n. 363, de 27 de outubro de 2017**. Dispõe sobre os critérios para Composição de Turmas das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino. Disponível em: <<http://www3.seduc.mt.gov.br/documents/8125245/9121200/D.O.+27.10.17+Port.+363+Composi%C3%A7%C3%A3o+de+Turmas.pdf/137b5ca9-404b-2ac9-105e-7f3e5ba56502>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MATO GROSSO. **Portaria n. 580 de 19 de outubro de 2010**. Dispõe sobre os critérios para Composição de Turmas das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino. Disponível em: <<https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/07%20-%20PORTARIA%20%20580.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MATO GROSSO. **Portaria n. 759, de 27 de novembro de 2019/GS/SEDUC/MT**. Dispõe sobre o Calendário Escolar das unidades escolares pertencentes à Rede Estadual de Ensino, para o ano letivo de 2020, e dá outras providências. Disponível em: <file:///C:/Users/Sucesso/AppData/Local/Temp/diario_oficial_2019-11-27_completo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

MATO GROSSO. **Resolução Normativa n. 262, de 05 de novembro de 2002**. Conselho Estadual de Educação. Estabelece as normas aplicáveis para a organização curricular por ciclos de formação no Ensino Fundamental e Médio do Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso. Disponível em: <http://www.cee.mt.gov.br/legislacao?p_p_id=legislacao_WAR_mtprevportlet&p_p_lifecycle=2&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_cacheability=cacheLevelPage&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&legislacao_WAR_mtprevportlet_javax.faces.resource=legislacaoDownload&legislacao_WAR_mtprevportlet_in=legislacaoResources&legislacao_WAR_mtprevportlet_legislacaoId=1326>. Acesso em: 07 abr. 2021.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Piso salarial do professor da rede estadual de MT é terceiro melhor do país**. 2019. Disponível em: <<http://www3.seduc.mt.gov.br/-/11268145-piso-salarial-do-professor-da-rede-estadual-de-mt-e-terceiro-melhor-do-pais>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

NAEDZOLD, Simone de Sousa. Letramentos, letramentos múltiplos, multiletramentos, macroletramentos e panletramentos. **Anais do Semiedu 2020**. Educação intercultural e direitos humanos em tempo de pandemia. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2020, p. 1997-2006. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1QG1XxkAeG0p2JJTIFI95TJEWKO4ZKN0B/view>. Acesso em: 04 abr. 2021.

NAEDZOLD, Simone de Sousa. **Produção textual com uso de gêneros meme e fanzine no desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita de estudantes do 8º ano do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. Unemat, *campus* Sinop, 2018.



Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/1cul9s3KSkZhZ6wPrhjObovp2cXU4GjB/view>>.
Acesso em: 02 jul. 2020.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel Ignacio. **Educação na era digital**: a escola educativa. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane. (org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-32.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SILVA, Bianca da. Diferença entre ensino remoto, o EAD e o ensino híbrido. **UniMestre**: Sistema de gestão educacional. 2020. Disponível em:
<<https://www.unimestre.com/diferenca-entre-ensino-remoto-o-ead-e-o-ensino-hibrido/>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

Recebido em: 04/05/2022 | Aprovado em: 26/08/2023
Publicado em: 27/06/2025
